

MODELO TRANSFORMACIONAL DA ATIVIDADE TEXTUAL: REALISMO CRÍTICO E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Solange Maria de Barros

TRANSFORMATIONAL MODEL OF TEXTUAL ACTIVITY: CRITICAL REALISM AND CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Abstract: In this paper, the Transformational Model of Textual Activity (TMTA), based on critical discourse analysis and critical realism, is presented. According to the TMTA, society exists by virtue of individuals who can reproduce it and modify it through language. The use of language (oral or written) can bring about changes in our knowledge, in our beliefs, etc. Fairclough argues that texts can start wars and contribute to changing the material world, industrial relations, education, and so on. Individuals produce texts and these are parts of social events which are shaped by the causal powers of social structures. Considering that texts are parts of social life with its mechanisms and causal powers, they have been structured in a “laminated system” or rolled circles and organized into a hierarchy ranging from a macro scale to a micro scale, which are: *global, macrosocial interaction, microsocial interaction, individual, and sub-individual*, these being dialectically related. The paper is divided into three sections. Initially, the philosophy of critical realism proposed by Bhaskar and Fairclough’s approach is presented. The *identificational meaning* category associated with the concept of style is investigated. The Transformational Model of Textual Activity (TMTA) is explained, with one of these systems being applied in a practical classroom activity. Finally, the paper endeavours to reflect on critical language education in the sense of achieving a more human and united world.

Keywords: TMTA; critical realism; critical discourse analysis; critical education.

Resumo: Este artigo apresenta o Modelo Transformacional da Atividade Textual (TMTA) com base na análise crítica do discurso e no realismo crítico. De acordo com o TMTA, a sociedade existe em virtude dos indivíduos, que podem reproduzi-la ou transformá-la através da linguagem. O uso da linguagem (oral ou escrita) pode trazer mudança no nosso conhecimento, nas nossas crenças, etc. Fairclough assegura que textos podem iniciar guerras bem como contribuir para mudar o mundo material, relações industriais, educação, e assim por diante. Os indivíduos produzem textos, sendo esses partes de eventos sociais que são moldadas por poderes causais das estruturas sociais. Como os textos são partes da vida social, com seus mecanismos e poderes causais, eles estão estruturados em um “sistema laminado” ou círculos laminados, organizados em uma hierarquia que vai desde uma escala macro para uma escala micro, quais sejam: *global, interação macrosocial, interação microsocial, individual e sub-individual*, dialeticamente relacionados. O trabalho está dividido em três seções. Inicialmente, apresento a filosofia do realismo crítico proposta por Bhaskar e a abordagem da análise crítica do discurso de Fairclough. Discorro sobre a categoria de *significado identificacional*, relacionado com o conceito de Estilo. Em seguida, exponho sobre o Modelo Transformacional da Atividade Textual (MTAT) aplicando um desses sistemas em uma atividade prática de sala de aula. E, finalmente, alivito uma reflexão aos educadores críticos de línguas, que almejam um mundo mais humano e solidário.

Palavras-chave: MTAT; realismo crítico; análise crítica do discurso; formação crítica.

1. Introdução

Neste artigo, apresento o Modelo Transformacional da Atividade Textual (TMTA) com base na análise crítica do discurso e no realismo crítico. O MTAT pode ser entendido como um conjunto de estruturas, práticas e convenções as quais as pessoas podem reproduzir ou transformar através de textos – orais ou escritos. De acordo com o TMTA, a sociedade existe em virtude dos indivíduos, que podem reproduzi-la ou transformá-la através da linguagem.

Conforme Bhaskar (1998), as pessoas não criam a sociedade. A sociedade é uma condição necessária para sua atividade. A sociedade fornece as condições necessárias para a ação intencional e a ação intencional é uma condição necessária para a sociedade. Ou seja, indivíduos devem não apenas produzir produtos sociais, mas realizar as condições de sua produção, reproduzindo ou transformando as estruturas que governam suas atividades de produção.

Como os textos são partes da vida social, com seus mecanismos e poderes causais, eles estão estruturados em um “sistema laminado” ou círculos laminados, bem como organizados em uma hierarquia que vai desde uma escala macro para uma escala micro, quais sejam: *global, interação macrossocial, interação microsocial, individual e sub-individual*, dialeticamente relacionados. Fairclough (2003) assegura que textos podem iniciar guerras, bem como contribuir para mudar o mundo material, relações industriais, educação, e assim por diante. Sabemos que o uso da linguagem – oral ou escrita – pode trazer mudanças no nosso conhecimento, na nossa concepção de mundo, etc.

O trabalho está dividido em três seções. Inicialmente, apresento a filosofia do realismo crítico proposta por Bhaskar (1998) e a abordagem da análise crítica do discurso de Fairclough (2003). Discorro sobre a categoria de significado identificacional, intimamente relacionado com o conceito de *estilo*. Em seguida, exponho sobre o Modelo Transformacional da Atividade Textual (MTAT), aplicando um dos sistemas laminados em uma atividade prática de sala de aula. E, finalmente, alvito uma reflexão aos educadores críticos de línguas, que almejam um mundo mais humano e solidário.

2. Realismo crítico (RC)

O RC tem como expoente o filósofo Roy Bhaskar. Trata-se de um movimento internacional na filosofia e nas ciências humanas, sendo uma alternativa para as ciências naturais e sociais, sobrelevada a ontologia – questão do ser –, em que o real é mais denso, ou seja, consiste em um mundo objetivo que distingue uma *superfície* de algo ainda mais *profundo*. O RC advoga uma ontologia não empiricista, em que o mundo não é feito somente de acontecimentos, ou fatos.

Conforme o sociólogo Vandenberghe (2010), o RC abriga caráter interdisciplinar, por considerar as reflexões sólidas concernentes à ontologia, tanto no domínio da filosofia quanto das ciências humanas.

Na condição de filosofia de cunho *emancipatório* (Bhaskar 1978; 1998), o RC tem servido de base para uma reflexão teórica e metodológica de muitos cientistas sociais, que buscam compreender as interrelações entre indivíduos e sociedade. Busca compreender as conexões entre os fenômenos, e não as regularidades entre eles. Reconhece a necessidade de interpretar significados, ainda que não seja uma saída única para as explicações causais, considerando que razões podem ser causas. É caracterizado também pela

emergência, ou seja, quando duas ou mais características de determinado fenômeno dão origem a outros novos que emergem. Por exemplo, fenômenos sociais são emergentes de fenômenos biológicos que, de sua vez, são emergentes de estratos do físico e do químico (Bhaskar 1998).

Na visão de Outhwaite (1983: 322), o RC vê a ciência “como uma atividade humana que visa descobrir uma mistura de experimentação e razões teóricas, as entidades, estruturas e mecanismos – visíveis ou invisíveis – que existem e operam no mundo”.

Nessa mesma esteira, Vanderberghe (2010) entende a ciência como um trabalhador das minas que está sempre cavando mais profundamente, movendo-se de um estrato da realidade para outro – dimensão vertical –, descobrindo a cada estrato uma multiplicidade de mecanismos gerativos que explicam a relação entre os eventos – dimensão horizontal. Conforme esse autor, ao final de todo o processo de escavação, finalmente a ciência consegue descobrir a base de todos os seres revelando o mistério do próprio ser.

3. Análise Crítica do Discurso (ACD)

Na década de 1970, na Grã-Bretanha, um grupo de linguistas (Fowler et al. 1979; Kress e Hodge 1979) iniciou estudos sobre a “linguística crítica”, combinando teorias e métodos da análise textual e da linguística sistêmico-funcional com teorias sobre ideologia.

Nessa mesma época, na França, Michel Pêcheux e seus colaboradores (Pêcheux et al. 2009) também estavam propondo uma abordagem crítica de discurso, tentando combinar uma teoria social do discurso com um método textual. A principal base teórica de Pêcheux foi o pensamento marxista de ideologia de Althusser (1992 [1971]). Todavia, conforme assegura Fairclough (2001: 20), essa teoria proposta pelo grupo de Pêcheux confere mais ênfase ao papel ideológico dos textos, ou seja, procura desvelar apenas as relações de poder existentes. Pouca atenção é dada à luta e à transformação nas relações de poder instituídas por grupos e organizações dominantes. Ou seja, não há, sob hipótese alguma, a preocupação com mudanças sociais.

Para compreender o que vem a ser a abordagem da ACD, é preciso fazer um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, isto é, em termos de justiça e poder, visando contribuir para a superação das desigualdades e injustiças que ainda operam na sociedade. O interesse pela ACD não deve se pautar apenas no desvelamento das relações sociais existentes de poder e dominação que estão presentes nos textos, mas também “agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros” (Fairclough 2001: 91), visando operar transformações sociais. Ou seja, a ACD tem, em seu escopo, uma teoria social crítica interligada a um campo de pesquisa que visa operar mudanças nas relações sociais de poder e dominação, e que, finalmente, precisa basear-se em análises linguísticas – análise de textos orais ou escritos. Para Fairclough (1989) o termo “crítico” implica em mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também em intervenção, isto é, fornece recursos por meio de mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem.

A ACD dá ênfase na relação dialética entre discurso e outros elementos das práticas sociais (Fairclough 1989; 2003). A ACD é um tipo de abordagem que fornece um caminho mais detalhado para analisar a relação dialética entre discursos – incluindo a linguagem e também outras formas de *semioses*: linguagem corporal, imagens visuais e outros elementos das práticas sociais.

Uma abordagem intimamente relacionada à ACD é a Gramática Sistemico-Funcional (GSF), desenvolvida por Halliday (1994). A GSF e ACD podem contribuir para realizar uma análise mais detalhada dos textos, buscando compreender a relação entre os níveis micro e macrosociais, ou seja, entre estrutura social e eventos sociais. Do ponto de vista da GSF, a atenção se volta para a descrição minuciosa e sistemática dos padrões linguísticos. As escolhas que o falante/escritor faz, segundo Halliday (1994), operam em todos os níveis do discurso: lexical, sintático, modal, e é por meio delas que se pode perceber o nível de expressividade presente numa determinada situação comunicativa. O léxico utilizado num texto carrega traços da identidade do falante/escritor, uma vez que as escolhas feitas pelo falante/escritor podem estar transparentes ou não, precisando, portanto, ser desveladas. A análise linguística permite, portanto, interpretar os significados presentes nos textos.

4. Significado identificacional: estilo

O significado identificacional está intimamente relacionado com o conceito de Estilo. Conforme Fairclough (2003), estilos compõem aspectos discursivos de identidades. As discussões sobre identidade na pós-modernidade estão cada vez mais centradas na concepção de um sujeito múltiplo, com diferentes 'eus', não mais na visão de uma identidade única. Conforme Hall (2000), habitam em nós identidades contraditórias que se empurram para diferentes direções. Ou seja, não é mais possível conceber a ideia de uma identidade unificada, uma vez que há sistemas de significações e representações que se multiplicam. Nessa perspectiva, nossas identidades ou nossos 'eus' estão, constantemente, em processo de mutação.

Hall (2000: 109) assegura que as identidades são construídas dentro, e não fora do discurso. Nesse sentido, cabe compreender suas produções em locais históricos e institucionais específicos, isto é, as identidades "emergem no jogo de modalidades específicas de poder".

Para a ACD, é fundamental investigar como se dá o embate discursivo em relação a identidades, uma vez que discursos são inculcados em identidades. Conforme Castells (1999: 23), a principal questão acerca da construção da identidade é saber "como, a partir de que, por quem e para quê isso acontece".

Na esteira de Fairclough (2003), a identificação é considerada processo complexo, pois envolve a distinção entre os aspectos da identidade 'pessoal' e 'social'. Conforme esse autor, a identidade não pode ser reduzida apenas à identidade social. As pessoas não apenas estão pré-posicionadas em participar nos eventos sociais e textos, mas também são agentes sociais que podem criar e mudar as coisas. As pessoas têm a capacidade de fazer as mudanças acontecerem. A identidade social faz com que as pessoas assumam determinados papéis na sociedade, revestindo-se de sua própria personalidade – identidade pessoal.

Estilos podem ser investigados em textos, através dos pronomes 'eu' e 'nós'. Envolvem a 'individualidade' e 'coletividade'. Pennycook (1994), ao estudar os pronomes, revelou que são sempre políticos e que implicam relações de poder. Os pronomes são reflexos das relações sociais e, por essa razão, há a necessidade de entender como eles estão representados no discurso. O pronome 'nós', segundo esse autor, é o mais problemático. O uso desse tipo de pronome marca sempre inclusividade (falante + destinatário + outros)

e exclusividade (falante + outros). Trata-se de pronome que revela solidariedade, rejeição, inclusão e exclusão (Pennycook 1994: 175–176).

5. Modelo Transformacional da Atividade Textual (MTAT)

Conforme Bhaskar (1998), as pessoas não criam a sociedade. A sociedade é uma condição necessária para sua atividade. A sociedade fornece as condições necessárias para a ação intencional e a ação intencional é uma condição necessária para a sociedade. Ou seja, indivíduos devem não apenas produzir produtos sociais, mas realizar as condições de sua produção, reproduzindo ou transformando as estruturas que governam suas atividades de produção.

O MTAT pode ser entendido como um conjunto de estruturas, práticas e convenções as quais as pessoas podem reproduzir ou transformar através de textos (orais ou escritos). O MTAT pode ser representado de acordo com a figura abaixo.

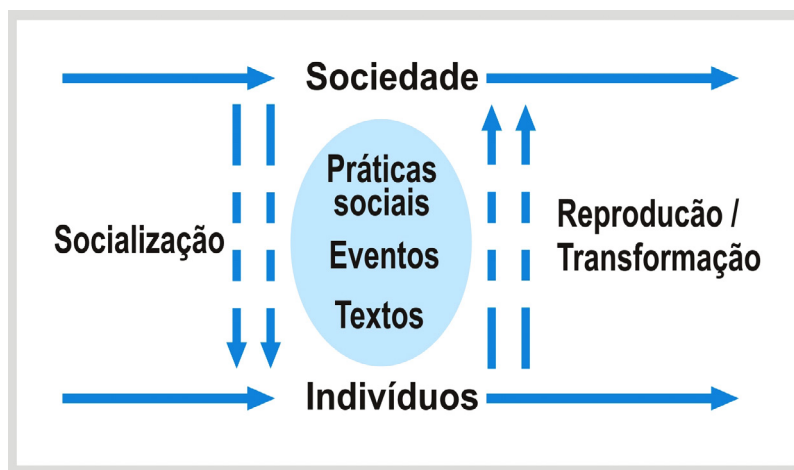


Figura 1. Modelo Transformacional da Atividade Textual (MTAT). Adaptado de Bhaskar (1978 [1975])

De acordo com esse modelo, a sociedade existe em virtude dos indivíduos, que podem reproduzi-la ou transformá-la. No entanto, isso só é possível devido a linguagem oral ou escrita, trazendo mudança no nosso conhecimento, nas nossas crenças, etc. Fairclough (2003) também assegura que textos podem iniciar guerras, bem como contribuir para mudar o mundo material, relações industriais, educação, e assim por diante. Os indivíduos produzem textos, sendo esses partes de eventos sociais que são moldadas por poderes causais das estruturas sociais. Para interpretar seus significados é necessário relacionar o discurso de seus referentes e contextos.

É importante ressaltar que estamos usando o texto termo para se referir tanto a atividade textual e ao produto da atividade. Esta é uma analogia com o modelo de transformação da atividade social para a atividade textual. Entendemos que não existe completamente

uma única atividade textual. A maior parte da atividade social é parcialmente textual, parcialmente conceitual e parcialmente material.

Ao considerar os textos como parte da vida social, com seus mecanismos e poderes causais, estou sugerindo um ‘sistema laminado’ (Bhaskar e Danemark 2006) ou círculos laminados, organizados em uma hierarquia que vai desde uma escala macro para uma escala micro, quais sejam: *global*, *interação macrossocial*, *interação microssocial*, *individual* e *sub-individual*, dialeticamente relacionados. A seguir, explicitarei cada um deles.

Global – está relacionado a tradições e civilizações inteiras e em nível planetário – ou cosmológico – preocupado com o planeta como um todo. É importante considerar os efeitos causais da estrutura global, que podem inculcar e sustentar ideologias. As ideologias, por exemplo, podem ser decretadas em maneiras de agir, sendo incorporadas nas identidades das sociedades do capitalismo;

Interação Macrossocial – é orientada para a compreensão do funcionamento de sociedades inteiras ou suas regiões. Se considerarmos a instituição educacional de uma região em particular, por exemplo, o poder realizado pelo professor e alunos dependem de sua relação dentro da sala de aula. Além disso, existem outros contextos (interior e exterior) que podem estar envolvidos. Problemas enfrentados pela comunidade, tais como abuso sexual, discriminação racial, meio ambiente, etc. poderiam ser trazidos à tona, através de projetos relacionados com o currículo, previamente organizados pelo corpo docente.

Interação Microssocial – refere-se aos os papéis funcionais, tais como um capitalista e um trabalhador, um professor e um aluno, etc. As relações sociais entre os indivíduos ou entre professor e alunos acontecem em um contexto social particular. Fairclough (2003) argumenta que uma forma de interagir em um evento social específico é através da fala ou a escrita. Assim, quando estamos usando a linguagem / discurso – oral ou escrita – podemos usá-lo para agir e interagir de maneiras diferentes. Por exemplo, professores e alunos em sala de aula (ensino e aprendizagem) usam a linguagem para interagir uns com os outros. Eventos sociais são moldadas pelas redes de práticas sociais que articulam formas de agir. Assim, as formas de (inter) agindo entre professor e alunos podem ser figurado em gêneros (palestras, seminários, entrevistas, cartas, poemas, etc.)

Individual – está relacionada com estruturas fisiológicas, biológicas e psicológicas. As estruturas psicológicas incluem “consciente” e “inconsciente” estruturas [sub-individual]. De acordo com Bhaskar, estas estruturas [fisiológico e biológico] não devem ser consideradas como tipos diferentes de eventos, mas distintos tipos de mecanismos. Num evento de sistema aberto estas estruturas podem ser simultaneamente aplicável.

Sub-Individual – refere-se ao “consciente” e ao “inconsciente”, incluindo emoções, valores, sentimentos e identidade. Ambas as estruturas individuais e sub- Individual podem se sobrepor. Isso nos possibilita reconhecer quem somos, como agimos no mundo e para quem, compreendendo que as mudanças não podem acontecer apenas na consciência, mas, principalmente, através de “ação, em um exercício coletivo de solidariedade”.

6. Aplicando um desses sistemas em uma atividade prática de sala de aula

Algumas experiências desenvolvidas na Escola¹ ‘Meninos do Futuro’, localizada no Centro Sócio Educativo do Pomeri, em Cuiabá/MT, mostraram o engajamento de

¹ Desde 2006 desenvolvo pesquisa nessa escola, visando à emancipação e transformação social.

professores nas questões da escola e da comunidade, visando à emancipação e transformação social (Papa 2008; Barros 2010; 2015).

Recentemente os professores dessa escola participaram de um curso sobre *Letramento Crítico*. Nesse curso, procurei discutir, planejar e realizar atividades práticas sobre como trabalhar atividades de letramento, incluindo gêneros². Em se tratando de jovens e adolescentes em situação de exclusão social, o curso se concentrou, basicamente, numa abordagem metodológica que envolvesse não apenas o trabalho com gêneros, mas também a inclusão dos três níveis de reflexão, ou seja, deslocando do eixo de formação crítica para o eixo mais pedagógico, visando emancipação social.

No exemplo, ilustrado a seguir, exponho uma produção textual³, gênero narrativo, realizada por Pedro (nome fictício), 16 anos, aluno do 8º ano do Ensino Fundamental, da Escola 'Meninos do Futuro'. Procuro identificar e analisar dois sistemas laminados (Individual e Interação Microsocial), possibilitando ao professor uma compreensão mais clara sobre como trabalhar esses sistemas. Vejamos o que Pedro diz sobre suas experiências.

Pedro: "Eu sou um menino muito gente boa eu sei tem vez as pessoas faz coisa errada que nunca fez. Agora to aqui e to arrepedido no que eu fiz *sempre tive tudo*/ roupa de marca *carinho* da *minha família* etc Se eu pudesse volta atrás né gosto de baladas. Namorar.

A minha história começa assim/ aos 13 anos comecei uma rixa de guangue no Bairro Dom Aquino entre morro e aldeia O começo era massa querer da nome no Bairro foi indo foi indo aos 15 anos *tentei matar o primeiro guri lá dei 04 tiro nele* no dia seguinte *os cara da Aldeia tentaram me matar graças a deus* o revolver *////* isso era um aviso pra mim *muda de vida* aos 16 anos *atirei em 2 guri lá* de novo *comecei a roubar* passando um dia *os caras me pegaram* eu de novo *deram uma coronhada na minha cabeça* fiquei 5 dia na UTI *graça a Deus* fiquei bem e hoje eu to aqui porque roubei vixe professora to tão arrependido *ave Maria* sem o *carinho* da minha namorada que amo minha coroa a *Família* é DiFicil mais *graças a Deus* vou mudar não quero isso pra mim".

F.I.M. (assinatura)

Os enunciados presentes no sistema 'Individual' serão analisados através da categoria *Significado Identificacional*, a qual está relacionada ao conceito de 'estilo', proposto por Fairlough (2003). Esse autor sugere que a identificação seja compreendida como identidades, uma vez que pressupõe representação, em termos do que se é. Vale ressaltar, porém, que os significados 'Acional' e 'Representacional' também estão, simultaneamente, operacionalizados no texto.

Pedro ao dizer: "eu sempre *tive* tudo, roupa de marca, *carinho* da minha família", usa processo relacional atributivo possessivo *ter* para sinalizar interesse em avaliar positivamente sua família. O atributo possuído 'carinho' denota juízo de valor, sinalizando afeto por parte da sua família.

Religiosidade também é identificada nos enunciados de Pedro. Ao fazer uso de interjeições como 'Ave Maria' (01 ocorrência) e 'Graças a Deus' (03 ocorrências), Pedro demonstra sua fé através de elementos avaliativos afetivos.

Hall (2008: 109) assegura que as identidades são constituídas com a linguagem, história e cultura, para produção não do que somos, mas do que nos tornamos. Nessa mesma esteira, Castells (1996: 23) entende que as identidades são "processo de construção de significados com base em um atributo cultural". Conforme esse autor, as identidades são

² O Curso *Letramento Crítico* foi ministrado em novembro de 2011, na Escola 'Meninos do Futuro'. O Curso pautou-se nos estudos desenvolvidos por Rojo (2009) e Soares (2010).

³ Foi utilizado o marcador *////* para sinalizar palavras incompreensíveis. Algumas expressões estão em itálico (destaques meus).

também formadas a partir de instituições dominantes, assumindo tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo significados com base nessa internalização. No caso em tela, Pedro demonstra ter internalizado a religiosidade através da sua participação nos cultos que são realizados, semanalmente, no Centro Sócio Educativo.

O Texto de Pedro também evidencia a violência, fortemente destacada através de processos materiais “*tentei matar o primeiro guri lá*”, “*dei 4 tiro nele*”, “*atirei em 2 guri lá*”, “*de novo comecei a roubar*”. São processos que denotam ações realizadas no mundo físico. O ator, no caso o sujeito elíptico “eu” (Pedro) é quem realiza a ação. Halliday (1994: 316) aponta a elipse como forma de fazer a coesão do texto. Assegura também que a elipse contribui para manter a estrutura semântica do discurso, embora seu uso esteja mais relacionado a estrutura léxico-gramatical.

Ao destacar o sistema Individual, ressalto a necessidade de o professor trazer para a sala de aula, textos que privilegiem aspectos sócio-afetivos. Ao valorizar textos dessa natureza, o professor permitirá que os alunos construam novos significados, representações e identidades, oportunizando-lhes o desejo em querer mudar de vida. O educador crítico precisa atentar-se, conforme Bhaskar (1998), para valores, emoções, sentimentos e identidade. Ou seja, selecionar gêneros que possibilitem trabalhar esse nível de reflexão.

É preciso enfatizar também que, na maioria das vezes, o professor precisa ser cauteloso no que tange aos sentimentos e emoções, presentes nos comportamentos dos alunos, em sala de aula. É comum, por exemplo, os mesmos demonstrarem atitudes e emoções que, muitas vezes, nada mais são do que tristes experiências vivenciadas por eles no seio familiar, como violência física, psicológica, alcoolismo, incesto etc. Nesse caso, o educador precisa ser cuidadoso ao saber identificar e trabalhar com essas e outras tantas experiências que, às vezes, podem parecer “ocultas” na sala de aula.

No sistema ‘Interação Microsocial’, alguns elementos linguísticos são destacados. É possível perceber, por exemplo, a ausência de concordância, ortografia e coesão. Pedro ao dizer “querer da nome”, “pra mim muda de vida”, os processos ‘dar’ e ‘mudar’ aparecem sem a desinência ‘ar’. Esses deslizos podem estar relacionados ao uso coloquial da língua. Normalmente dizemos “tô bem”, “tô indo”, “vô indo” etc. São traços culturais que revelam sua identidade.

Ao usar a concordância verbal, Pedro comete apenas um lapso gramatical ao escrever “as pessoas faz coisa errada”. As demais concordâncias aparecem de maneira simétrica como “os caras da Aldeia *tentaram* me matar”, “os caras me *pegaram*”, “*deram* uma coronhada na minha cabeça”.

A ausência de pontuação também é observada no texto de Pedro. Apenas o ponto final é apresentado ao término de cada parágrafo. São deslizos que precisam ser trabalhado pelo professor em sala de aula, possibilitando novas maneiras de usar a linguagem, objetivando a superação de cada um deles.

No sistema ‘Interação Macrossocial’, o engajamento do educador em projetos pedagógicos na escola é de extrema importância, bem como a sua participação em grupos de estudos. Esse tipo de trabalho favorece discussões frutíferas, trazendo à baila problemas que surgem, cotidianamente, na sala de aula e na escola. Trata-se de uma ação coletiva visando fortalecer a relação ‘escola’ e as ‘estruturas’ políticas e ideológicas mais amplas de poder existentes ali dentro. Percebe-se, por exemplo, que Pedro finaliza seu texto clamando por mudança em sua vida. Ele diz: “vou mudar não quero isso pra mim”.

7. À guisa de conclusão

Neste artigo, apresentei o modelo transformacional da atividade social (TMTA) com base no RC e ACD. Como textos são partes da vida social, com seus mecanismos e poderes causais, estou sugerindo alguns 'sistemas laminados' ou círculos laminados, os quais estão organizados em hierarquias, do macro para o micro. Ao compreender a existência desses sistemas, é possível desvelar não apenas a ontologia do 'ser', mas também questões inerentes à aprendizagem e às estruturas sociais de poder.

Ao propor a integração desses sistemas laminados para análise de textos (orais/escritos), com seus mecanismos e poderes causais, é possível alvitrar mudanças nas relações micro e macrosociais. É, sem sombra de dúvidas, um desafio para os educadores críticos de línguas, que almejam um mundo mais humano e solidário. É, sobretudo, lutar para que novos horizontes emancipatórios possam, de fato, fazer a diferença na vida desses jovens e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis (1992 [1971]), *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Rio de Janeiro: Edições Graal.
- BHASKAR, Roy – LAWSON, Tony (1998), "General Introduction", in: ARCHER, Margaret – BHASKAR, Roy – COLLIER, Andrew – LAWSON, Tony – NORRIE, Alan (eds.), *Critical Realism: Essential Readings*, London: Routledge, ix-xxiv.
- BHASKAR, Roy (1978), *Realist theory of science*, Brighton: Harvester Press.
- BHASKAR, Roy – DANERMARK, Berth (2006), "Meta-theory, Interdisciplinarity and Disability Research: A Critical Realist Perspective", *Scandinavian Journal of Disability Research* 8(4), 278-297.
- BARROS, Solange Maria de (2010), "Formação crítica do educador de línguas: por uma política emancipatória e de transformação social", in: BARROS, Solange Maria de – ASSIS-PETERSON, Ana Antonia (orgs.), *Formação crítica de professores de línguas: Desejos e Possibilidades*, São Paulo: Pedro & João Editores, 17-25.
- BARROS, Solange Maria de (2015), *Realismo crítico e emancipação humana. Contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso*, Campinas (São Paulo): Pontes Editora.
- CASTELLS, Manuel (2008), *O poder da identidade. Vol. 2*, São Paulo: Terra e Paz.
- FAIRCLOUGH, Norman (1989), *Language and power*, London: Longman.
- FAIRCLOUGH, Norman (2001), *Discurso e Mudança Social*, Brasília: Editora UnB.
- FAIRCLOUGH, Norman (2003), *Analysing discourse*, London: Routledge.
- FOWLER, Roger – HODGE, Bob – KRESS, Gunther – TREW, Tony (1979), *Language and Control*. London: Routledge.
- HALL, Stuart (2008), "Quem precisa de identidade?", in: SILVA, Tomas Tadeu da (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- HALLIDAY, Michael (1994), *An Introduction to Functional Grammar*, London: Edward Arnold.
- OUTHWAITE, William (1983), "Toward a Realist Perspective", in: MORGAN, G. (ed.), *Beyond Method: Strategies for Social Research*, London: Sage.
- PAPA, Solange Maria de (2008), *Prática pedagógica emancipatória: o professor reflexivo em processo de mudança. Um exercício em análise crítica do discurso*, São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

- PÊCHEUX, Michel (2009 [1979]), "Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação", in: PÊCHEUX, M., *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Campinas, SP: Editora Unicamp, 269–281.
- ROJO, Roxane (2009), *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, São Paulo: Parábola Editorial.
- SOARES, Magda (2010), *Alfabetização e letramento*, São Paulo: Contexto.
- VANDERBERGHE, Frédéric (2010), *Teoria Social Realista. Um diálogo franco-britânico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Solange Maria de Barros
Programa de Pós-graduação em Estudos de
Linguagem – MeEL/UFMT
Av. Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: Boa Esperança
CEP: 78060-900
Cuiabá/MT
Brasil

solbip@yahoo.com.br